La Comédiathèque

O Balcão

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

O Balcão

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Ao balcão de um café, chegada a hora de fazer contas à vida, uma mulher que se apresenta como escritora conta à proprietária alguns episódios marcantes da sua existência. Essas histórias, entre a memória e a fantasia, ganham vida na sala do café.

Sucedem-se dezoito personagens, todas femininas nesta versão, embora o elenco possa variar muito em número e género.

© La Comédiathèque

Duas mulheres entram num café. Olham em volta e aproximam-se, hesitantes, do balcão, atrás do qual a dona está de pé, impassível, a limpar copos.

Uma – O que vais beber?

Outra – Não sei… Um copo de vinho?

Uma – Tinto ou branco?

Outra – Tinto…

Uma – Dois copos de tinto, se faz favor.

Dona – Vinho da casa ou reserva?

Uma – Da casa…

Dona – Depois não digam que não avisei.

A dona serve-lhes o vinho.

Uma – É melhor sentarmo-nos enquanto ainda há mesas livres…

Outra – Está bem.

Sentam-se a uma mesa. A primeira prova o vinho e faz uma careta.

Uma – Não sei se fizemos a escolha certa…

Outra – Quanto ao espetáculo?

Uma – Quanto ao vinho, de certeza que não.

A segunda prova também o vinho.

Outra – Pois… Não é propriamente um grande vinho.

Uma – Mas que espécie de espetáculo é este, afinal?

Outra – Não percebi muito bem… *(Tira um folheto do bolso.)* «Noite de microfone aberto». Entrada livre. Deve ser uma noite de humor ao vivo.

Uma – Humor? E onde está o palco?

Outra – Talvez seja um espetáculo de monólogos.

Uma – Mas não vejo palco nenhum.

Outra – Nem espectadores. Por enquanto somos as únicas.

Uma – Deixa-me ver… *(Lê o folheto com atenção.)* Espera. Aqui em letras pequenas diz «recital de poesia contemporânea».

Outra – Poesia? Mas não era uma noite de microfone aberto?

Uma – Era. Para poetas! Isto é um recital de poesia, não é uma noite de comédia!

Outra – Não pode ser… *(Tira-lhe o folheto e relê-o.)* Bolas, tens razão!

Uma – Há enganos que acabam por sair caros, mesmo quando a entrada é gratuita.

Outra – Agora percebo porque é que era de graça.

Transição musical. Chega uma cliente. Antes de entrar, dá uma última passa no cigarro.

Uma – E agora já é tarde demais para fugir.

A cliente apaga o cigarro, olha para a sala e começa a declamar.

Cliente –

Ao balcão, os fumadores dispersaram-se;
um jornal amarrotado anuncia o fim do dia.
Uma loura e uma morena, entre copos esquecidos,
ainda recordam o cheiro do tabaco frio.
As espirais de fumo tornaram-se vapor.
A máquina de café assobia sem pudor;
o empregado serve um café bem comprido.
O café preto substitui o vinho branco.
No bar já não se fuma. E, do fumo de outrora,
resta apenas o sabor amargo do café.

As duas mulheres, sentadas à mesa, ficam perplexas.

Outra – Bravo, é… Pois… Muito original.

Uma – É diferente, sem dúvida.

Cliente – Obrigada…

Outra – E… sabe muitos poemas desses?

Cliente – Bastantes.

Uma – Oh, não… Quer dizer, que maravilha!

Cliente – Querem outro?

Uma – Sim, porque não… Mas desta vez acho que vou experimentar o reserva.

Cliente – Estava a falar de outro poema.

Outra – Ah, claro…

Uma – Com todo o gosto! *(À parte.)* Poesia… Grande armadilha.

Outra – Acho que chegou a altura de sairmos daqui.

Enquanto as duas se escapam discretamente, a cliente declama:

Cliente –

Sobre o balcão, alguns copos esquecidos.
Esta noite acompanham-me versos perdidos.
Deixei lá fora a névoa, as ruas de luto
e um cachimbo condenado a arder no escuro.

A cliente aproxima-se do balcão.

Dona – Então, o que é que a menina vai beber?

Cliente – Não sei… Não me apetece nada.

Dona – Nada? Lamento, isso não temos.

Cliente – Só me apetece atirar-me para debaixo de um comboio.

Dona – Então enganou-se na porta. Isto não é uma estação e eu não sou chefe de estação. Se quer ficar, tem de consumir.

Cliente – Está bem… Uma cerveja. Quando se pensa em suicídio, uma cerveja parece-me uma escolha bastante apropriada, não acha?

Dona – Qual é que quer?

Cliente – A mais forte que tiver. Para abreviar o sofrimento.

Dona – Milagres não prometo.

Cliente – E o que tem?

Dona – Cerveja à pressão.

Cliente – Que tipo de pressão?

Dona – A que sai do barril. Da outra já tenho que chegue.

Cliente – É só isso?

Dona – Há bocado não sabia o que queria e agora queixa-se de falta de escolha?

Cliente – Uma cerveja à pressão serve perfeitamente.

Dona – As pessoas não vêm cá por causa da cerveja. Cerveja também têm no frigorífico, em casa.

Cliente – Tem razão. Devem vir à procura de um pouco de calor humano.

Dona – É o que há. Não garanto é que venha quente.

Cliente – Meia caneca, então. Não, duas…

A dona serve-lhe duas meias canecas.

Dona – Aqui tem. Duas meias canecas.

Cliente – Duas meias canecas fazem uma caneca inteira… Pelo menos foi o que aprendi na escola.

Dona – Tem muita graça, a senhora. Está à espera de alguém?

Cliente – Se estivesse à espera da minha cara-metade, ia sentar-me a uma daquelas mesas e compunha o cabelo. Não ficava aqui de pé, despenteada, a falar sozinha.

Dona – Obrigadinha.

A cliente empurra a segunda cerveja na direção da dona.

Cliente – Consigo é diferente… *(Brindam.)* Uma dona de café é um pouco como um psicanalista ou um padre. Podemos contar-lhe tudo, mas não lhe perguntar nada. Sobretudo se também tem problemas com a mãe ou pensamentos sombrios.

Dona – A senhora tem problemas com a mãe?

Cliente – E a si nunca lhe passam coisas sombrias pela cabeça?

Dona – Isso não é da sua conta!

Cliente – Está a ver?

Dona – Veio aqui arranjar sarilhos?

Cliente – Vim à procura de inspiração.

Dona – Ah, sim?

Cliente – Os poetas costumam ir aos cafés procurar inspiração. Não sabia?

Dona *(irónica)* – Claro. Os meus clientes são todos poetas.

Cliente – Dizem que todos os dias fecham dois cafés neste país. Li-o no jornal de hoje.

Dona – Eu não leio jornais.

Cliente – Mas vende-os!

Dona – Também vendo cachimbos. E não fumo.

Cliente – Onde vão os poetas procurar inspiração quando todos os cafés forem substituídos por cadeias de comida rápida?

Dona – Que se desenrasquem.

Cliente – Quando deixar de se ouvir um ovo cozido a partir-se num balcão, desaparecerão os últimos poetas de café.

Dona – Os poetas que escrevam em casa. Nunca vi um poema pagar a conta da luz.

Cliente – Quando só houver restaurantes de comida rápida, os poetas acabarão a escrever romances de quiosque para ler no comboio.

Dona – É por isso que se quer atirar para debaixo de um comboio?

Cliente – Ou talvez porque tenho medo de não encontrar inspiração.

Dona – Acha mesmo que é aqui que vai encontrar alguma coisa para contar?

Cliente – Se os balcões falassem, tinham muita coisa para dizer, não acha?

Dona – Disso não duvido. Duvido é que alguém quisesse ouvir.

Cliente – Olhe, foi num café como este que soube os resultados dos exames finais.

Dona – A sério?

Cliente – Os exames, a carta de condução… São etapas da vida, não são? Ritos de passagem.

Dona – A única passagem que consegui foi o bilhete de autocarro para vir para a cidade. E a única licença que me hão de passar é a de sepultura.

Cliente – Sempre podia contar a minha vida… Ou a sua.

Dona – Pagam-lhe para contar a sua vida? Os meus clientes fazem isso de graça.

Cliente – Muito pouco…

Dona – Amendoins?

Cliente – Sim, mais ou menos isso.

Dona – Não, queria perguntar se quer amendoins. Para acompanhar as duas cervejas.

A luz passa para uma das mesas, onde estão sentadas duas raparigas. Olham pela montra, do lado do público.

Uma – O que é que fazem aqui tantos pombos?

Outra *(distraída)* – O quê?

Uma – Os pombos! Porque é que só se veem nas cidades? *(A outra parece preocupada com outra coisa.)* Não são animais de estimação, como cães ou gatos. São aves. Podem voar, são livres, não vivem numa gaiola. Podiam ir-se embora.

Outra – E para onde iam?

Uma – Sei lá. Para o campo. Porque não vão todos para o campo?

Outra – Para o campo? Não tinham nada que comer.

Uma – Só de olhar para eles fico enjoada.

Outra *(distraída)* – Pois…

Uma – Olha, são coprófilos.

Outra – O quê?

Uma – Não viste o que estão a comer?

Outra – O quê?

Uma – Cocó de cão.

Outra *(sem grande interesse)* – Ah, pois.

Uma – Não é isso que se chama um ecossistema?

Outra – Porque é que ficam aqui a comer merda quando no campo podiam comer cerejas?

Uma – Não é época de cerejas o ano inteiro. *(O telemóvel toca. Atende.)* Sim… Sim… Sim… Está bem.

Desliga.

Outra – Então?

Uma – Ainda não saíram os resultados.

Outra – E se chumbámos?

Uma – Prefiro nem pensar nisso. Porque é que havíamos de chumbar?

Outra – Não sei. Medo de ganhar. Como um cavalo de competição que recusa o obstáculo mesmo no fim. Até aos campeões acontece.

Uma – Nós não somos cavalos. E os exames não são uma competição. São como a carta de condução. O facto de muita gente passar não diminui as tuas hipóteses.

Outra – Pois, mas eu já chumbei duas vezes no exame de condução.

Uma – Não me digas que estás a pensar nisso outra vez.

Outra – Estou a pensar no que acontece se não passarmos.

Uma – Ficamos para trás enquanto os outros seguem em frente, suponho.

Outra – Faz-me lembrar as aulas de mitologia. Aquele rio que os mortos tinham de atravessar numa barca para chegar ao outro mundo.

Uma – O que é que isso tem a ver?

Outra – A travessia. Antes de começar outra vida, tens de conseguir chegar à outra margem.

Uma – Se eu chumbar, passo é para o outro mundo. Os meus pais matam-me. Meteram-me num colégio caríssimo porque tem cem por cento de aprovações. Gastam um ordenado mínimo por mês. Se não lhes der resultados…

Outra – Mas houve anos em que a taxa foi de noventa e nove por cento. Portanto, alguém chumba de vez em quando. É raro, mas acontece.

Uma – Sei lá. Talvez alguém se tenha enganado no dia do exame. Ou perdido o comboio.

Outra – Cala-te, ainda nos dás azar.

Uma – Porquê?

Outra – Porque também podemos ser a exceção.

Uma – Obrigada por me lembrares.

Outra – Se dependermos da sorte, mais vale começar já a acender velas.

O telemóvel toca. A primeira atende imediatamente.

Uma – Sim… Sim… Sim… Está bem.

Desliga com um ar impassível.

Outra – Então?

Uma – Já publicaram os resultados.

Outra *(paralisada)* – E então?

A primeira deixa de fingir e explode de alegria.

Uma – Passámos! Bolas, passámos!

Abraçam-se.

Outra – Quase me mataste com aquela brincadeira. Ainda tenho o coração aos saltos!

Uma – Pelo menos é sinal de que ainda estás viva.

Outra – E com que nota?

Uma – Calma, passámos. Não peças já um milagre. Bolas, temos de festejar!

Outra – Pois… Apesar de agora toda a gente acabar os estudos.

Uma – É aí que começam as chatices.

Outra – Afinal, as aulas de mitologia não eram assim tão inúteis.

Uma – Outra vez a mitologia?

Outra – Atravessas o rio e descobres que do outro lado estava o inferno.

Uma – Esquece lá isso. Já não tens de voltar a ver aquela professora. Que calor! Apetece-me mergulhar no rio.

Outra – A mim também. Ou atirar-me lá para dentro.

Uma – A vida é bela! Estamos no verão!

Outra – Tens razão. Vamos mergulhar no rio do esquecimento.

Saem. De regresso ao balcão.

Dona – E passou?

Cliente – À justa.

Dona – Os seus pais devem ter ficado contentes.

Cliente – Não disseram nada.

Dona – Há pessoas de poucas palavras.

Cliente – Gostava que, pelo menos uma vez na vida, os meus pais me tivessem dito que tinham orgulho em mim. Mesmo que fosse mentira. E a senhora?

Dona – Eu gostava era de lhes ter podido dizer que tinha orgulho neles.

Cliente – Tem filhos?

Dona – Não. E não sei se teriam orgulho em mim.

Cliente – Porquê?

Dona – Então não se atirou ao rio.

Cliente – Devia ter-me atirado. Foi depois que começaram os problemas.

Dona – Não encontrou trabalho?

Cliente – Encontrei. Um empregozito, como se diz.

Dona – Sempre é melhor do que fazer a vida na rua.

Cliente – Não sei… Acabar os estudos é perder a inocência, mas o primeiro emprego é como perder a virgindade. Descobrimos que estamos mesmo tramados. Dizem-nos que só dói da primeira vez e que depois nos habituamos. Mas desconfia-se de que será precisa muita imaginação para sentir algum prazer… E consigo, como foi?

Dona – Perder a virgindade?

Cliente – O primeiro emprego! O que fazia antes de abrir este café?

Dona – Trabalhava na rua. Mas não era a vender jornais.

Cliente – Ah… Então sabe do que estou a falar.

A luz incide na segunda mesa, onde está sentada uma mulher com ar de executiva comercial. Aproxima-se uma rapariga loura, com aspeto de estudante.

Mulher – Faça favor de se sentar… (Um pouco surpreendida.) É a menina…?

Rapariga – Ben Salah. Fatima Ben Salah.

Mulher – Ah, sim… E… é loura.

Rapariga – Pois, costumam dizer-me isso. Na verdade, foi o meu bisavô que… Mas normalmente até tranquiliza os empregadores. Quando consigo chegar à entrevista, claro. Há algum problema?

Mulher – De maneira nenhuma.

Rapariga – O anúncio dizia que procuravam uma agente de vendas…?

Mulher – Para seguros, sim. Planos de funeral. É um mercado muito concorrido. Estamos a recrutar alguém para visitas porta a porta nos bairros periféricos.

Rapariga – E uma loura não serve?

Mulher – Em certos bairros, pensámos que uma loura… talvez despertasse menos confiança.

Rapariga *(entrega-lhe uma folha)* – Tenho cadastro, sabe? Quero dizer… currículo.

Mulher – É preciso muito jeito para vender estes produtos. Quando alguém nem sabe como vai pagar a renda no fim do mês, não é ao pequeno-almoço que se lembra de pedir um empréstimo a cinquenta anos para financiar a última morada.

Rapariga – Pois, claro.

Mulher – Começámos no ramo editorial. Também não era fácil. Vender enciclopédias de vinte e oito volumes a pessoas que, em grande parte, nem sabiam ler.

Rapariga – Mas as enciclopédias também têm imagens.

Mulher – Depois experimentámos seguros de saúde complementares. Mas com a concorrência… Não. Os planos funerários são o futuro.

Rapariga – Podemos não adoecer, mas morrer, morremos todos. Até quem não sabe ler.

Mulher – Isto não será um teste para apanhar empresas que discriminam candidatos?

Rapariga – Desculpe?

Mulher – Não pintou o cabelo de louro para depois nos acusar de discriminação?

Rapariga – Esteja descansada, sou loura natural.

Mulher – Não somos racistas. A questão é que… Queríamos confiar-lhe a abertura de um novo mercado: os planos funerários adaptados às tradições muçulmanas. Um mercado em crescimento.

Rapariga – Posso falar com um sotaque árabe.

Mulher – A sério?

Rapariga – Talvez precise de praticar um bocadinho.

Mulher – E acha que resultaria?

Rapariga – Se vestir uma túnica tradicional…

A mulher reflete.

Mulher – Pronto, convenceu-me. Para trabalhar em vendas, primeiro é preciso saber vender-se a si própria. E acredite, vender-me uma loura não era fácil! (Levanta-se.) Parabéns. Fica à experiência.

Rapariga – Muito obrigada.

Mulher – E, se tudo correr bem, daqui a três meses fica connosco para a vida.

Rapariga – Quer dizer… com contrato sem termo?

Mulher (com um sorriso satisfeito) – É bom ver jovens que ainda querem trabalhar!

Saem. De regresso ao balcão.

Dona – Espero que não tenha vindo vender-me um plano funerário. Se veio, pode poupar o discurso. Já decidi ser cremada e deixar as cinzas à ciência.

Cliente – Não se preocupe. Nunca consegui vender um único plano. Para vender uma coisa daquelas, não basta saber convencer. É preciso ter fé.

Dona – Não acredita em Deus?

Cliente – E Deus, acredita em nós?

Dona – E depois? Foi para um convento?

Cliente – Depois arranjei um emprego a sério.

Dona – Um emprego para louras.

Cliente – Exatamente.

Dona – Mas também não correu bem.

Cliente – Acho que não nasci para o mundo empresarial.

Dona – Nota-se logo que não é uma lutadora.

Cliente – Pensei que acabaria por me habituar. Por me conformar.

Dona – Percebo-a. Eu nunca conseguiria ter um patrão.

Cliente – Mas nunca consegui conformar-me. Empregos para a vida não são para mim.

Dona – Não receber ordens de ninguém e não dar ordens a ninguém. Assim que se têm empregados, passa-se a ser escrava deles.

Cliente – Nem quando trabalhava na rua tinha patrão?

Dona – A minha única padroeira era Maria Madalena. Quem nunca pecou que atire a primeira cerveja.

Cliente – Eu também nunca suportei que me dissessem o que devia fazer. Como me vestir… ou despir.

A luz volta a uma das mesas. Uma executiva, bem arranjada mas de calças de ganga, está sentada. Abre a pasta, tira um catálogo e folheia-o enquanto bebe café. O telemóvel toca. Atende.

Executiva – Estou? Ah, sim… Claro, estou à sua espera. Não, devo ter chegado um pouco cedo. A que horas era a reunião, mesmo?

Chega a diretora, de fato formal, com o telemóvel colado ao ouvido. Anda aceleradíssima, como se tivesse tomado algum estimulante. Senta-se à mesma mesa.

Diretora – Às dez e quarenta e cinco. Tem as imagens da nova campanha?

Continuam a falar ao telemóvel, como se não estivessem sentadas frente a frente.

Executiva – Sim, sim. Vai ver, ficou magnífica.

A executiva vira uma página do catálogo. A diretora tira-lho das mãos e examina-o.

Diretora – Ah, sim, está…

Executiva – É diferente.

Diretora – Pois.

Executiva – A equipa criativa fez um ótimo trabalho.

Diretora – Para variar, teve uma ideia criativa.

A executiva dá-se conta do ridículo da situação ao reparar finalmente na diretora à sua frente.

Executiva – Quer um café?

A diretora levanta os olhos do catálogo e repara também na sua interlocutora.

Diretora – Não, obrigada. Deixei o café. Mancha-me os dentes e dá-me vontade de mijar.

Examina a roupa da executiva, como se alguma coisa a intrigasse.

Diretora – Não está a usar soutien?

Executiva – Não. Há algum problema?

Diretora – Não, não… Mas costuma usar, não costuma?

Executiva – Como hoje é sexta-feira, achei que podia vestir-me de maneira mais descontraída.

Diretora – Mais descontraída?

Executiva – Sabe, a chamada sexta-feira informal…

Diretora – Sexta-feira informal?

Executiva – Em muitas empresas, à sexta-feira os executivos vestem-se de maneira menos formal. Arranjados, mas à vontade.

Diretora – À vontade…?

Executiva – Sem soutien.

Diretora *(desconcertada)* – Pois…

Silêncio embaraçoso.

Executiva – Posso falar-lhe com franqueza?

Diretora *(um pouco inquieta)* – Começo a achar que preferia quando usava soutien.

Executiva – A nossa empresa tem uma imagem demasiado rígida. Todos os estudos o confirmam. Um bocado antiquada. Pensei que, com o novo catálogo e uma sexta-feira mais descontraída, parecêssemos mais atuais.

A diretora fica surpreendida. Hesita, depois decide-se.

Diretora – Sabe que mais? Tem razão.

Vira-se de costas para o público, contorce-se um instante e volta a mostrar-se, com o soutien na mão.

Diretora – Se resulta noutras empresas, porque não aqui?

A executiva fica surpreendida.

Diretora *(aliviada)* – Ah, é verdade, respira-se melhor. Acha que estou mais descontraída?

Executiva – Muito mais.

Diretora – Para a semana tiro também as cuecas.

Mas a diretora continua um pouco preocupada.

Diretora – Só que… não será um bocadinho embaraçoso diante do cliente?

Executiva – Porquê?

Diretora – Bem… O cliente vende lingerie, não vende?

Executiva – Ah… Pois. Mas é só à sexta-feira.

A diretora parece resignar-se.

Diretora *(mais descontraída)* – Seja como for, tenho de a levar ao cliente. *(Satisfeita com a comparação.)* Como quem leva uma vaca ao touro.

A executiva não sabe bem como reagir. Levantam-se para sair.

Diretora – Afinal, com quem é a reunião?

Executiva – Com a nova presidente da empresa.

Diretora – A nova?

Executiva – A anterior suicidou-se na sexta-feira passada. Não sabia?

Diretora – Meu Deus… Não. Que ideia horrível.

Executiva – Enforcou-se no cabide do gabinete. Com uma alça do soutien, imagine.

Diretora – Pelo menos o soutien era resistente… Para aguentar aquele peso. Lembre-me de mandar um kit antissuicídio à diretora da nossa agência quando receber o próximo bónus.

A executiva fica perturbada com a descontração da diretora.

Diretora – Estou a brincar. Não era suposto estarmos descontraídas hoje?

Saem. De regresso ao balcão.

Cliente – Claro que perdemos o cliente.

Dona – E voltou a pôr o soutien para a reunião seguinte?

Cliente – Não. Despedi-me. Fui dar a volta ao mundo e, quando regressei, comprei um bilhete de lotaria.

Dona – Costuma ser ao contrário.

Cliente – Pois, mas quem espera ganhar primeiro talvez nunca chegue a partir. Além disso, toda a gente compra casa e carro a crédito.

Dona – Com as dívidas que os governos acumulam, até parece que andamos a criar filhos a crédito.

Cliente – Eu resolvi gastar antecipadamente o dinheiro que ia ganhar na lotaria… Não fosse dar-se o caso improvável de não ganhar. Já deu a volta ao mundo?

Dona – Não. E quanto à lotaria, faço como com o tabaco: vendo, mas não consumo.

Cliente – É uma vendedora de sonhos, no fundo.

Dona – E quanto mais pobres são as pessoas, mais precisam de sonhar.

Cliente – Quando era pequena, havia perto da minha casa uma loja de partidas e brincadeiras chamada «A Felicidade das Crianças». Passava por lá todos os dias a caminho da escola. Ficava a olhar para a montra, mas não tinha dinheiro para entrar. Aprendi cedo que, se a felicidade é uma partida, até para isso é preciso ter dinheiro.

A luz ilumina uma das mesas. Duas mulheres estão sentadas. A segunda olha fixamente em frente.

Mulher 1 – Para onde estás a olhar?

Mulher 2 – Estou à espera do sorteio da lotaria. Vão mostrar os resultados naquele ecrã.

Mulher 1 – Jogaste?

Mulher 2 – Apeteceu-me experimentar.

Mulher 1 – Porque não… *(Silêncio.)* Quanto é o prémio?

Mulher 2 – Cento e quinze milhões.

Mulher 1 – Cento e quinze milhões…

Mulher 2 – Estás a fazer contas àquilo que podias comprar?

Mulher 1 – Acima de um certo valor perdemos a noção. Se te dizem que uma estrela está a cento e quinze milhões de anos-luz, nem tentas calcular quantos quilómetros são.

Mulher 2 – Nem nos litros de combustível que gastarias para lá chegar de carro.

Mulher 1 – Que números escolheste?

Mulher 2 – O meu número de contribuinte. E os algarismos do último subsídio de desemprego.

Mulher 1 – A sorte protege os audazes… Já imaginaste se ganhássemos?

Mulher 2 – É difícil imaginar.

Mulher 1 – Nunca mais acordar à segunda-feira para ir trabalhar. Trezentos e sessenta e cinco dias de férias por ano.

Mulher 2 – Sim… Deixar tudo para trás.

Mulher 1 – Tudo? *(A segunda continua de olhos presos no ecrã.)* O que fazias se tivesses aqui os cento e quinze milhões? Quer dizer, cinquenta e sete milhões e meio. *(A segunda olha para ela.)* Não somos um casal? Para o melhor e para o pior.

Mulher 2 – Não sei… Ganhas dez mil euros, ficas contente, dás-te a um luxo, mas a tua vida não muda. Cento e quinze milhões é diferente. Há um antes e um depois. Tornas-te outra pessoa. É como nascer de novo. Assusta um bocadinho, não?

Mulher 1 – Eu começava por dizer ao meu chefe o que penso dele. Depois ia comprar um carro maior do que o dele. Ganhar a lotaria é outra maneira de instaurar a ditadura do proletariado… a título individual.

Mulher 2 – Deve ser um choque. De um dia para o outro, deixarmos de ter limites para os nossos desejos. Sem obrigações. Poder fazer tudo o que nos apetecer. Tudo.

Mulher 1 – Acho que me adaptava.

Mulher 2 – Não sei. Lê-se tanta coisa sobre vencedores da lotaria que acabaram arruinados…

Mulher 1 – Se o pior que pode acontecer depois de ganhares é ficares sem dinheiro, então não tinhas grande coisa a perder.

Mulher 2 – E há os divórcios. Achas que a nossa relação aguentava?

Silêncio.

Mulher 1 – Pensando bem, não sei. Como se dá sentido à vida de milionária que nos cai do céu, por puro acaso?

Mulher 2 – Achas que as filhas dos milionários têm essas preocupações filosóficas?

Mulher 1 – Mas elas nasceram assim. Tiveram tempo para se habituar. Nunca conheceram outra vida. Na lotaria acontece tudo de uma vez. Uma hipótese em vinte milhões, imagina.

Mulher 2 – Uma ejaculação contém, em média, centenas de milhões de espermatozoides.

Mulher 1 – E então?

Mulher 2 – Então, se estamos aqui as duas, já tivemos uma sorte incrível. A nossa vida de trabalhadoras também nos calhou por acaso. Jogar na lotaria é dar uma segunda oportunidade ao destino, para corrigir o facto de não termos nascido em berço de ouro.

Mulher 1 – Mas isso faz-me medo. É como se dissesses que a nossa vida não vale nada. Que não valeu a pena vivê-la. É por isso que jogaste? Porque achas que a nossa vida não vale nada?

Mulher 2 – Mas que disparates são esses? É a primeira vez que jogo. Foi só por brincadeira.

Mulher 1 – Muitos vencedores tinham jogado pela primeira vez. É a sorte de principiante.

De repente, parecem ambas quase receosas.

Mulher 2 *(tensa)* – Vão anunciar os resultados.

Ficam a olhar fixamente para o sorteio.

Mulher 1 – Então?

Mulher 2 *(a conferir o boletim)* – Nem um número certo. Nem um! Já não me lembro bem das aulas de estatística, mas será que não acertar em nenhum é quase tão improvável como acertar em todos?

Mulher 1 – Nesse caso, tivemos sorte.

Trocam um olhar cúmplice e um gesto de ternura.

Mulher 2 – E pensar que toda esta felicidade podia ter desaparecido de repente…

Mulher 1 – Até me arrepio.

De regresso ao balcão, com a dona e a cliente.

Cliente – Nunca tive sorte na vida. Nunca ganhei nada, nem uma rifa. Nem sequer me lembro de me ter calhado a fava do bolo-rei. Não pedia o prémio grande; bastava-me um prémio de consolação.

Dona – Mas também nunca teve grandes desgraças.

Cliente – É verdade. Também não fui especialmente azarada. Uma vida normal. Passei à justa. Sem grandes alegrias nem grandes tragédias. Nem conto de fadas nem tragédia grega. Não houve grandes tempestades, mas também não houve nada que brilhasse.

Dona – E mesmo assim deixou-a?

Cliente – Foi ela que me deixou.

Dona – Ela? *(A outra não responde.)* Ah, percebo.

Cliente – Conhecíamo-nos desde o jardim de infância. Na altura, as turmas eram só de raparigas. Não sei se isso explica alguma coisa.

Dona – Uma vegetariana num talho continua a ser vegetariana.

Cliente – Foi o meu primeiro amor. Mas os amores de infância raramente resistem ao fim dos estudos ou à carta de condução.

Dona – Se for amor a sério, é para a vida toda, não é?

Cliente – Os amores de infância são para sempre. A infância é que não dura.

A luz passa para uma das mesas.

Duas mulheres olham em frente, ao longe. A segunda usa um gorro sob o qual não se vê um único cabelo.

Uma – Já viste aquela árvore? É tão bonita.

Outra *(sem interesse)* – Pois.

Uma – Faz tanto parte da paisagem que acabamos por nem reparar nela.

Outra – Hum.

Uma – É um carvalho. Já cá estava antes de nascermos.

Outra – Como sabes? Ainda não tínhamos nascido.

Uma – Quando éramos pequenas, pendurámos um baloiço num dos ramos. Já era enorme. Não te lembras?

Outra – Não.

Uma – Eu lembro-me. Parti um braço quando caí daquele maldito baloiço.

Outra – Tu partiste tanta coisa… Como hei de lembrar-me? Uma vez até partiste o rabo.

Uma – O cóccix.

Outra – Ao cair de uma cadeira. É incrível. Que osso é que ainda não partiste? *(Pausa.)* Cóccix… Na altura nem sabia que esse osso existia. Ainda hoje não sei muito bem como se escreve.

Uma – Só sei que dá imensos pontos no Scrabble.

Outra – Quando penso em ti em criança, vejo-te sempre com gesso. Até nas fotografias da escola aparecias com o braço ao peito, de muletas ou com um penso enorme. Nem sei como chegaste inteira até aqui.

Uma – Tu nunca partiste nada. Como aquela árvore.

Outra – Mas fiz as mesmas asneiras que tu. Também vivi perigosamente. Até já abri ostras no Natal e nunca enfiei a faca na mão.

Uma – Tiveste sempre mais sorte do que eu. Cheguei a ter-te inveja.

Outra – Achas mesmo que fui eu a ter sorte?

Uma – Pronto, chama-me desastrada.

Outra – Aonde queres chegar com a história da árvore?

Uma – Resistiu a todas as tempestades, sem perder um ramo. Como tu. Daqui a cem anos continuará aqui.

Outra – Se calhar já está apodrecida por dentro, apesar de continuar de pé. Olha, não tem uma única folha. Tal como eu.

Uma – É normal. Estamos no outono.

Outra – Ah, pois. Nem dei pelo verão. Da janela do hospital só via o parque de estacionamento do supermercado.

Uma – Na primavera voltam a nascer folhas, vais ver.

Pausa.

Outra – E o meu cabelo? Achas que também volta a crescer na primavera?

Uma *(estendendo-lhe a mão)* – Toma. Ponho as mãos no fogo em como sim.

De regresso ao balcão, com a dona e a cliente.

Dona – É duro ver partir as pessoas de quem gostamos. Mas sabe o que mais me entristece?

Cliente – Não.

Dona – Ver os meus vizinhos envelhecer.

Cliente – Ah, sim?

Dona – Penso que um dia vão morrer e virão outros morar no lugar deles. Jovens. Às vezes fazem tanto barulho… Nunca se sabe quem nos vai calhar. Enfim, nós ainda cá estamos. Por enquanto.

Cliente – Nessa altura pensei que, se não queria morrer sem ter percebido nada, era agora ou nunca que devia tentar dar sentido ao tempo que me restava.

Dona – Mudou outra vez de emprego?

Cliente – Tinha finalmente arranjado um trabalho estável. Já me imaginava a reformar-me, daí a algumas décadas.

Duas mulheres, uma jovem e uma idosa, estão sentadas em mesas diferentes. A jovem finge trabalhar, usa uma calculadora e anota números numa folha. A idosa parece não ter nada que fazer.

Jovem (com uma simpatia um pouco forçada) – Então, chegou o último dia…

Idosa – Pois é.

Jovem – Que sensação é essa?

Idosa – Como um filme antigo que já vimos vezes demais. No fim, já não percebemos nada da história.

Jovem – Vamos sentir a sua falta. Vai fazer uma festa de despedida?

Idosa – Uma festa?

Jovem – Para celebrar a reforma!

Idosa – Ah… Não sei. Acha que devia? *(A jovem não responde e continua a trabalhar.)* Sabe o que me vai fazer mais falta? Aquele sabor amargo do primeiro café da manhã. O dia a começar… Ao meio-dia já está tudo estragado.

Jovem – E o que vai fazer… depois?

Idosa – Descansar, suponho. É o que se faz, não é?

Jovem – E vai ficar por aqui ou…?

Idosa – Para onde havia de ir?

A jovem fica perplexa, mas o telemóvel toca.

Jovem – Sim… Não… Sim, sim… Não, não…

Desliga e rabisca qualquer coisa num papel.

Idosa – Ela vem aí em breve?

Jovem – Quem?

Idosa – A pessoa que me vai substituir!

Jovem – Ah… Na segunda-feira, acho eu.

Idosa – Então não chego a conhecê-la. Sabe quem é?

Jovem – Não… *(Embaraçada.)* Quer dizer, sou eu que a vou substituir.

Idosa *(sem hostilidade)* – Ah, está bem… Parabéns! E a recém-chegada fica com o seu lugar. Faz sentido.

O telemóvel toca de novo. A jovem atende.

Jovem – Sim… Não… Sim, sim… Não, não…

Idosa – Quer um café?

Jovem – Pode ser.

A idosa leva-lhe uma chávena.

Idosa – Se quiser, deixo-lhe a cafeteira. A do gabinete, quero dizer.

Jovem – Há quanto tempo trabalha aqui?

Idosa – Há demasiado tempo… *(Pausa.)* E a menina?

Jovem – Acabei de chegar.

Idosa – Tenciona ficar?

Jovem *(satisfeita)* – Hoje termina o meu período experimental. Amanhã passo a contrato sem termo. É automático.

Idosa – Então está contente?

Jovem – Sim, está tudo bem.

Bebem café.

Idosa – Está bom, não está? Não ficou muito forte?

Jovem – Está ótimo.

Idosa – Mal nos conhecemos, afinal. É casada?

Jovem – Ainda não. E a senhora?

Idosa – Não.

Jovem – Bem, tenho de voltar ao trabalho.

Idosa – Sim, desculpe. Eu já estou no último dia, não tenho muito a perder. Mas a menina, com o período experimental a acabar só esta noite… Quando estiver efetiva, terá muito tempo para não fazer nada.

A jovem olha para ela, sem saber se está a brincar. Retoma o trabalho. A idosa começa a assobiar ou cantarolar. Incomodada, a jovem lança-lhe um olhar de censura.

Idosa – Desculpe… *(A jovem continua a trabalhar.)* Quando eu sair, pode ficar na minha secretária. É maior do que essa, não é?

Jovem – Sim. Está previsto.

Idosa – Pois, que tolice a minha. E a nova empregada fica com a secretária pequena. *(A ociosidade da idosa desconcentra a jovem.)* Desculpe, vou ver se me ocupo com qualquer coisa. Tenho de começar a arrumar as minhas coisas. *(Procura dentro de um saco grande.)* Quando digo arrumar… Acho que cabe tudo num saco de plástico. É incrível. Uma vida inteira e o que fica? Algumas pastas vazias num armário. Não deixamos grande coisa atrás de nós, pois não? Não tem aí um saco de plástico? *(A jovem responde com o olhar que não.)* E pensar que era eu que ocupava a sua secretária quando comecei aqui. Sabe com o que sonhava nessa altura? *(A jovem abana a cabeça.)* Escrever. Não relatórios e mais relatórios, como fiz a vida inteira. Escrever para não ter de prestar contas a ninguém. Pensei que, se arranjasse um emprego tranquilo, teria tempo para isso. Mas os anos passaram e nunca comecei.

Jovem – Agora vai ter tempo.

Idosa – Vou ter a eternidade. Mas escrever sobre o quê? Sobre a minha vida? Já lhe disse: cabe num saco de plástico.

O telemóvel toca.

Jovem – Sim… Não…

Idosa – Talvez até num preservativo.

Jovem – Sim, sim… Não, não… *(Desliga.)* O que estava a dizer?

Idosa – Nada.

Jovem – Sabe o que estava a pensar?

Idosa *(cheia de esperança)* – Não…

Jovem – Podíamos aproveitar para pedir que pusessem alcatifa.

Idosa *(surpreendida)* – Alcatifa?

Jovem – Para não incomodar as pessoas de baixo. O soalho é bonito, mas range.

Idosa – Já se queixaram, os de baixo?

Jovem – Não… Mas há sempre tanta gente a entrar e a sair.

Idosa – Sou eu que vou morar no andar de baixo.

Jovem – Ah, sim?

Idosa – Tenho de viver em algum lado. É um pouco escuro, mas conheço bem a zona. Não me vou sentir perdida.

Jovem – E não se importa de nos ouvir a andar aqui em cima, o dia inteiro?

Idosa – Sempre me distrai. Penso: lá estão eles a trabalhar e eu posso ficar na cama o dia todo.

Jovem – Então talvez seja melhor não pôr alcatifa.

A jovem retoma o trabalho.

Idosa – E quais são os seus sonhos?

Jovem – Os meus sonhos?

Idosa – É jovem, ainda deve ter sonhos. Se lhe saísse o prémio grande, o que fazia?

Jovem – Tirava umas férias, suponho.

Idosa – E depois?

Jovem – Depois… Talvez abrisse uma empresa.

Idosa – Para quê?

Jovem – Para não ter patrão!

Idosa – Abrir uma empresa para não ter patrão… É mais simples não trabalhar de todo, não acha?

Jovem – Talvez… *(O telemóvel interrompe-a.)* Não… Sim, sim… Não, não… *(Desliga.)* Onde é que eu ia?

Idosa – Vá-se embora.

Jovem – Desculpe?

Idosa – Vá-se embora enquanto é tempo!

Jovem – Para onde?

Idosa – Quantos anos tem? Vinte? Quer mesmo acabar como eu?

Jovem – É preciso ganhar a vida. O que sugere?

Idosa *(apanhada de surpresa)* – Nada… Tem razão.

A jovem retoma o trabalho.

Jovem – Sabe o que eu acho?

Idosa – Não.

Jovem – Vão fechar a empresa.

Idosa – Como assim, fechar a empresa?

Jovem – Sabe o que fabricamos aqui?

Idosa – Não.

Jovem – Trabalhou aqui toda a vida e não sabe o que fabricamos?

Idosa – Ao princípio acho que sabia. Mas isto mudou tanto… Já fomos comprados umas dez vezes. Nem sabia que ainda se fabricava alguma coisa. O que é que fabricamos?

Jovem – Urnas!

Idosa – Urnas?

Jovem – O mercado está a cair a pique.

Idosa – Por causa da abstenção?

Jovem – Urnas funerárias!

Idosa – Ah…

Jovem – A grande vaga de funerais já passou…

Idosa – É assim tão grave?

Jovem – Vão fechar esta empresa e abrir outra.

Idosa – Vão deslocalizar a produção?

Jovem – Nem isso. Devem manter as instalações.

Idosa – E os trabalhadores?

Jovem – Tirando as saídas naturais, como a sua, vão acabar por recolocar toda a gente. Talvez até contratem mais pessoal. Basta mudar o nome da empresa e começar a fabricar outra coisa. Com a natalidade a aumentar, não faltam possibilidades.

Idosa – Então o que muda?

Jovem – No fundo, quase nada.

A jovem volta ao trabalho. A idosa fica pensativa.

Idosa – Não há mesmo maneira de parar isto tudo?

Jovem – Parar o quê?

Idosa – Sei lá… Aposto que, se fizéssemos greve, ninguém lá em cima dava por isso.

Jovem – A senhora é mesmo excêntrica.

Idosa – Pois, uma velha excêntrica. Já reparou? Quando se é jovem, é normal ser-se excêntrica. É tolerado, até recomendado. Quase uma questão de higiene. Mas com a idade esperam que isso passe. Cabelos vermelhos, argolas no nariz… Aos trinta já é ridículo. Depois dos cinquenta torna-se suspeito. Sabe o que é envelhecer? É deixar de saber inventar a própria vida todas as manhãs, depois do café. No fundo, morremos por falta de imaginação. A menina não me parece pessoa de usar argolas no nariz.

Jovem – Tem filhos?

Idosa – Não.

Jovem – Gostava de ter tido?

Idosa – Para quê?

Jovem – Para não envelhecer sozinha, por exemplo.

Idosa – Tenho vizinhos. Envelhecem comigo.

Jovem – É um bocado deprimente conversar consigo.

Idosa *(divertida)* – Acha?

Jovem – Não é assim tão grave.

Idosa – Eu ser deprimente?

Jovem – Talvez espere demasiado da vida.

Idosa – Foi o que me disseram lá em cima da última vez que pedi um aumento.

Jovem – Há quanto tempo foi isso?

Idosa – Já nem me lembro.

Jovem – Já não há ninguém lá em cima. Também não sabia?

Idosa – Como assim, ninguém?

Jovem – Fomos comprados por fundos de pensões.

Idosa – Quer dizer… por reformados?

Jovem – Pelas viúvas deles, pelo menos.

Idosa – Então, quando me reformar, passo a ser dona da empresa onde trabalhei?

Jovem – Está a ver? Nem precisa de jogar na lotaria. Basta esperar.

A idosa fica em silêncio, arrasada.

Idosa – Se fizer uma festa de despedida, vem?

Jovem – Porque não? Mande-me o aviso fúnebre.

Ouve-se ao longe uma sirene.

Idosa – Chegou a hora. Tenho de ir… *(Começa a afastar-se.)* Durante anos, quando ouvia tocar a sirene ao meio-dia, tinha vontade de correr para os abrigos. E nem sequer vivi durante a guerra… Mas nunca vinha bombardeamento nenhum. Por isso limitava-me a ir almoçar. *(Volta-se uma última vez.)* Deixo-lhe os meus vales de refeição.

A idosa sai. A jovem segue-a pouco depois. De regresso ao balcão, com a dona e a cliente.

Cliente – Não me imaginava a acabar assim. Por isso despedi-me.

Dona – Outra vez? A senhora não para quieta!

Cliente – Não sabia exatamente o que queria fazer da minha vida. Mas já sabia o que não queria continuar a fazer.

Dona – Foi mais ou menos o que pensei quando deixei de trabalhar na rua. Já nem conseguia pagar as contas.

Cliente – Pagar as contas?

Dona – A concorrência era cada vez maior, os clientes cada vez mais exigentes… Achei que talvez fosse mais fácil gerir um café.

Cliente – E foi nessa altura que decidi começar a escrever.

Dona – Isso é uma profissão?

Cliente – Contar histórias… Às vezes acho que é essa a profissão mais antiga do mundo.

A luz ilumina uma mesa onde está sentada uma mulher, sem qualquer bebida diante de si. Aproxima-se outra.

Uma *(levantando-se)* – Ah, vieste.

Outra – Tinha escolha?

Embaraçadas, hesitam em beijar-se, mas desistem. Sentam-se.

Uma – Queres beber alguma coisa?

Outra – Pedi um café quando entrei.

Uma – Sabemos que ninguém cá fica para sempre… Mas custa na mesma.

Outra – Com a idade que ele tinha, sabíamos que estava na reta final.

Uma – Parece que aconteceu enquanto dormia.

Outra – Ah, sim?

Uma – Pelo menos não sofreu. Nem deu conta de que estava a morrer.

Outra – Uma boa morte, como se costuma dizer. Não substitui uma boa vida, mas sempre é alguma coisa.

Uma – Ele fez sempre o que quis.

Outra – E isso basta para ter uma boa vida?

Uma – Eram outros tempos.

Outra – Pois.

Silêncio embaraçoso. A segunda levanta-se.

Outra – Vou ver o que se passa com o meu café. Devem ter-se esquecido. Queres mais alguma coisa?

Uma – Também ainda não me trouxeram o que pedi.

A segunda vai ao balcão, na penumbra. A primeira retoca a maquilhagem. A outra regressa com duas chávenas de café e senta-se.

Outra – Já estavam feitos, mas esqueceram-se de os trazer.

Uma – Espero que ainda esteja quente.

Outra *(prova o café)* – Forte é, de certeza. Acordava um morto.

A primeira olha-a, sem saber se está a brincar.

Uma – Nem sequer tivemos oportunidade de nos despedir dele.

Outra – Despedir?

Uma – Dizer adeus, se preferires.

Outra – Não sei o que prefiro. Mas enfim.

Uma – Se ao menos soubéssemos…

Outra – Mesmo que soubéssemos o dia e a hora, o que teria mudado?

Uma – Podíamos ter-lhe dito uma última palavra.

Outra – Uma última palavra? Como o quê, por exemplo?

Uma – Não sei.

Outra – Da minha parte, não tenho a certeza de que as últimas palavras que lhe diria o tivessem consolado muito.

Uma – Não vale a pena remoer o passado. Agora que já não está cá…

Outra – Tens razão. Olhemos para o futuro. O que fazemos com o corpo?

Uma – Falas como se tivéssemos sido nós a matá-lo.

Outra – Estava a pensar na cremação.

Uma – Achas que era isso que ele queria?

Outra – Nunca falei com ele sobre isso. Aliás, não me lembro de ter tido uma conversa a sério com ele. E tu?

Uma – Também não.

Outra – Então somos nós que temos de decidir. Nunca fui grande adepta de mausoléus. A não ser para grandes homens, claro. Não vamos embalsamá-lo como Estaline. E não estou a pensar levar-lhe flores ao cemitério todos os anos no Dia de Todos os Santos.

Uma – Não sei.

Outra – Estou a falar por mim. Não queria privar-te do prazer de ir pôr flores na campa uma vez por ano. Se preferes investir em pedra, por mim está bem.

Pausa.

Uma – E o que fazíamos às cinzas?

Outra – Dividimo-las. Foi tudo o que ele nos deixou.

Uma – Não podemos fazer isso.

Outra – Se preferes espalhá-las todas pelo relvado, entre o churrasco e a piscina, não faço questão da minha metade.

Silêncio.

Uma – Como consegues ser tão dura?

A emoção acaba por dominá-la.

Outra – Como é que chegámos a este ponto? É isso que me pergunto.

Uma – Aconteceu. A culpa não é de ninguém.

Outra – A culpa tem de ser de alguém!

Uma – Seja como for, agora é tarde demais.

Silêncio.

Uma – E tu, como estás?

Outra – Estou bem.

Uma – Só isso?

Outra – Era uma história demasiado comprida…

O telemóvel da segunda toca. Ela atende.

Outra – Estou? Ah, és tu. Não, não… Sim, claro, mas… Olha, agora estou numa reunião. Quer dizer, numa reunião de família. Também não é bem uma festa de família, depois conto-te. Posso ligar-te mais tarde? Está bem. Até já. Eu também.

Guarda o telemóvel.

Outra – Desculpa. E tu, como estás?

Uma – Passou tanto tempo… Nem sei por onde começar.

O telemóvel volta a tocar.

Outra – Desculpa… *(Atende.)* Sim? Ah, está bem. Não, não faz mal. Como? Mas eu tinha dito que… Está bem. Daqui a uma hora estou aí.

Guarda o telemóvel.

Outra – Desculpa mesmo. Em que é que íamos?

Uma – Nada de importante.

Outra – Olha, se puderes tratar de tudo… Eu não tenho forças para isso. Faz como achares melhor, por mim não há problema. E dividimos as despesas, naturalmente.

Levanta-se.

Outra – Tenho mesmo de ir. Não contava com isto… Mas um dia destes podemos almoçar juntas.

Uma – Porque não?

Começa a tirar uma nota da carteira para pagar.

Outra – Deixa estar, pago eu ao sair. Tens o meu número, manténs-me informada?

Uma – Está bem.

Desta vez beijam-se, desajeitadamente. A segunda sai. A primeira volta a sentar-se e acaba o café.

Uma – Pronto. Agora está frio.

De regresso ao balcão.

Cliente – Enterrei o meu pai esta tarde.

Dona *(inquieta)* – Enterrou-o?

Cliente – Sim, quer dizer… Não fui eu que abri a cova depois de lhe dar com uma pá na cabeça. Foi uma cerimónia perfeitamente legal. Um funeral normal, com tudo em ordem.

Dona – Bolas…

Cliente – Nem tive de tratar de nada. Ele tinha um plano funerário. Hoje em dia tratam de tudo. Recebi o aviso por correio eletrónico e escolhi a coroa de flores no sítio da florista indicado na mensagem.

Dona – Deve ter-lhe custado muito.

Cliente – Não sei… Senti sobretudo alívio. Tinha noventa e oito anos. Já começava a pensar que nunca mais morria. Ou que eu acabaria por morrer antes dele. Não é normal morrermos antes dos nossos pais, pois não? De qualquer maneira, não chorei.

Dona – Não é preciso chorar para se sentir tristeza. *(Sentenciosa.)* As maiores dores são silenciosas.

Cliente – A única vez que vi o meu pai chorar foi quando morreu o cão.

Dona – Os animais nunca nos desiludem.

Cliente – Deve ter sido por isso que ele deixou metade do que tinha a uma associação de proteção dos animais. Acho que, se pudesse levar o cão e o dinheiro para a sepultura, como Tutankhamon, levava. Para não lhe faltar nada no outro mundo. Nem companhia.

Dona – Com essas histórias ainda me vai deixar deprimida. Quer outra? Esta é por minha conta.

A dona volta a encher os dois copos.

Dona – Diga-me uma coisa… Nunca tentou falar com os seus pais?

Cliente – Um dia escrevi uma carta à minha mãe a dizer-lhe que já não podia fazer nada contra mim. Mas que, infelizmente, também já não podia fazer nada por mim.

Dona – Isso já é um princípio. Ela respondeu?

Cliente – Nunca enviei a carta. Chega uma altura da vida em que temos de desistir daquela grande conversa esclarecedora com os nossos pais. Aceitar separarmo-nos sem ficarmos propriamente amigos. Deixar as coisas por esclarecer. Mas nem isso é sempre fácil.

Dona – Não sei… Nunca conheci os meus pais.

Cliente – Nem sabe a sorte que tem. A família é uma tragicomédia. Os papéis estão distribuídos desde o início e, em cada reunião, voltamos a representar a mesma peça.

Ninguém ousa alterar as falas, com medo de desconcertar os outros atores. Ou de levar uma reprimenda do encenador.

Dona – O encenador?

Cliente – Agora posso finalmente fazer o que quiser. Sem companheira. Sem pais. Sem patrão. Vou poder escrever a minha própria vida.

Dona – Não queria magoá-la, mas acha que isso interessa a alguém? Se fosse uma cantora famosa, uma apresentadora de televisão ou a mulher de um futebolista…

Cliente – Não falo de escrever memórias. Nunca percebi as pessoas que passam metade da vida a ler as memórias dos antepassados e a outra metade a escrever as suas. E se esquecem de viver pelo meio.

Dona – A lamentar os bons velhos tempos que não quereriam reviver por nada deste mundo.

Cliente – A saltar de aniversários para comemorações e a transformar as férias em peregrinações.

Dona – A passar os domingos a levar flores às campas de pessoas de quem não gostavam quando ainda eram vivas.

Cliente – Não. Eu queria transformar a minha vida num romance.

Dona – Ah, isso já é outra coisa.

Cliente – Mesmo que fosse um romance de quiosque.

Acaba a cerveja e prepara-se para sair.

Cliente – Devia ter uns dez anos. Uma noite comecei a sangrar do nariz. Não parava. Olhava para o pano ensopado de sangue… E o meu pai continuava a ver televisão.

Dona – E depois?

Cliente – A minha mãe acabou por dizer ao meu pai que era melhor levar-me ao hospital. E ele levou-me. Mas passei a vida a perguntar-me o que haveria de tão fascinante na televisão naquela noite para o meu pai nem reparar que a filha estava a perder sangue sem parar.

A cliente prepara-se para sair.

Dona – Eu também tinha muita coisa para contar. Com todos os clientes que já vi passar por aqui…

Cliente – Os que vinham comprar tabaco ou cachimbos?

Dona – Vai rir-se, mas às vezes eram os mesmos. Há anos que estou neste bairro. As pessoas habituam-se. Voltam para conversar, para me contar as suas vidas miseráveis. Um bocadinho como a senhora.

Cliente – É o que eu dizia. A dona de um café e uma prostituta são como um padre ou um psicólogo. As pessoas vêm desabafar e, ao saírem, deixam uma notinha no balcão.

Deixa uma nota no balcão. A luz ilumina uma mesa onde está sentada uma rapariga, que pode ser uma das alunas da cena dos exames no início da peça. A cliente aproxima-se.

Cliente – Bom dia.

Rapariga – Olá.

Cliente – Sou a autora. Estou a fazer uma pausa. *(Tira um maço de cigarros e oferece-lhe um.)* Quer um? Fumar mata, mas ajuda a resolver o problema das pensões.

Rapariga – Obrigada, não fumo.

Cliente – Ah… Desculpe.

Guarda o maço de cigarros.

Cliente – Está a olhar para os pombos?

A rapariga olha-a com desconfiança.

Rapariga – Isto vai aparecer na peça?

Cliente – O quê?

Rapariga – O que estamos a dizer.

Cliente – Ainda não sei. Depende.

Rapariga – De quê?

Cliente – Se a nossa conversa tiver algum interesse, suponho. Tem alguma coisa interessante para dizer?

Rapariga – A escritora é a senhora.

Cliente – Pois.

Rapariga – Pelo menos é o que diz.

Cliente – Pois.

Silêncio.

Rapariga – Escreve à noite?

Cliente – Não. Porquê?

Rapariga – Tem um ar cansado.

Cliente – Deito-me cedo, levanto-me tarde. Escrevo sobretudo ao fim da manhã. Às vezes volto a escrever um pouco depois da sesta.

Rapariga – Nada disso é muito rock and roll.

Cliente – Foi um prazer conversar consigo.

Rapariga – É mesmo escritora?

Cliente – Não pareço?

Rapariga – Isto está a patinar um bocado.

Cliente – Também não me está a ajudar. Dizem que, quando uma personagem é boa, basta deixá-la falar.

Rapariga – Quando se quer matar um cão, diz-se que tem raiva. E o teatro dentro do teatro já foi feito tantas vezes, não foi? Quando um autor começa a falar do próprio ofício, é porque já não tem mais nada para dizer.

Cliente – Está bem…

Antes de sair, sente o olhar da dona e volta-se uma última vez para ela.

Dona *(gentilmente irónica)* – Ainda tem muito trabalho pela frente.

Cliente – Se tivesse filhos, tenho a certeza de que teriam orgulho em si.

Transição musical e mudança de luz.

A rapariga levanta-se e começa com a cliente uma espécie de bailado muito simples, caminhando. Cruzam-se, voltam a cruzar-se, aproximam-se e afastam-se.

Rapariga –

Estou onde ninguém esperava encontrar-me.
Terei feito bem aquilo que esperava de ti?
Afasto-me de quem já está à minha espera.

Cliente –

Sigo o meu caminho entre pequenos instantes felizes,
sem olhar para trás.
O outono varreu as folhas do meu percurso,
e o vento do inverno já apaga os meus passos
na poeira do verão.
Quem poderá dizer, na primavera: passei por aqui?

Rapariga –

Não havia palavras, nem sequer para essa lembrança.
Nenhuma palavra para a dizer ou a negar.
Nenhuma palavra para dizer isto. Quem me desmentiria?
Não havia palavras. Já não me lembro.

Cliente –

Uma vez na vida, prendendo a respiração,
como um relógio parado que marca a hora certa,
enfrentar o destino, mesmo arriscando perdê-lo.
E, no último instante, poder voltar-me
para lhe pegar na mão
e regressar à criança que fui.

A cliente estende a mão à rapariga, que também lhe oferece a sua. Tocam-se como numa passagem de testemunho. A cliente sai.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Maio de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-210-4

Documento para download gratuito